

## A vida encarece assustadoramente e a crise de trabalho aumenta

A melhoria que o custo da vida sofreu há meses, e que serviu de pretexto à baixa de salários, é hoje uma perfeita ficção. Os géneros de primeira necessidade, os artigos mais essenciais à nossa condição humana, sem um motivo forte a justificá-lo, sobem de preço quase diariamente, com uma sencermonia que enerva, com um desassombro que assusta.

As autoridades encarregadas de regular a usura dos homens do balcão prosternam-se perante a sua ousadia, curvam-se mesmo à omnipotência de sua magestade—o Comércio.

O governo, a quem devia merecer respeito a negra perspectiva da fome, longe de criar medidas conciliantes ao equilíbrio dos preços dos géneros, promulga ainda decretos que mais vem agravar a situação.

Não querendo reportar-nos a todos os disparates—que passe o eufemismo—do governo sobre problemas económicos, não podemos, contudo, deixar sem referência o que concerne às carnes.

Como acentuámos na devida oportunidade, a proibição da entrada de gado estrangeiro em Portugal, muito especialmente de gado argentino, traria como inevitável o aumento de preço do produto. E de elementar economia que não podendo o gado nacional cobrir as exigências do consumo a falta do género havia de fazer-se sentir. Com a carência do produto toda a gente sabe muito bem que a elevação do custo não se faz esperar. Foi o que sucedeu com as carnes, é o que sucederá com todos os géneros.

O governo não quis ver assim, porque não tinha interesse em que a carne se mantivesse no seu preço actual, porque não se preocupava com a sua escassez. Daí o aumento do preço que se verificou há dias na carne de vaca, daí o aumento de um escudo em quilo na carne de carneiro e que ontem se verificou.

Quem é o principal culpado? A lavoura e a marchantaria, ou o governo?

As mesmas causas se verificam na elevação dos outros géneros, e por isso as batatas subiram 35 centavos em quilo, os ovos encareceram e segundo ameaça dum importante fabricante de calçado, um par de botas vai dentro de dias custar mais cinco escudos, isto, é claro, na melhor das hipóteses.

Como se vê, as proporções do custo da vida são deveras assustadoras. Nem um único recurso, nem uma única saída tem o proletariado neste momento para enfrentar o negro quadro!

Outra, com a abundância de trabalho, o operariado ainda poderia recorrer à greve pró-aumento de salário; outra ainda o proletariado, para enfrentar a negra miséria de que a carestia é motivo, poderia recorrer ao movimento para elevação de salários. Hoje nem isso, porque a crise é grande e flagrante, e o trabalho que existe ainda está sujeito às pretensões de baixa de salários, pretextadas nas melhorias do custo de vida!

E' um "gachis" fremendo este da carestia da vida e da crise de trabalho. Para que o operariado não sosobre aos seus efeitos, ele terá que acudir como único recurso manter intactos os seus salários se não poder elevá-los de harmonia com a ascensão do custo da vida.

## Foram ontem pronunciados mais 6 presos como presumíveis componentes da «Legião Vermelha»

Foram ontem enviados ao 3.º juízo de investigação criminal os presos sociais Manuel Viegas Carrascao, José Gordinho, José Maria da Cruz, António Gonçalves, José Marques e António Pereira, acusados de tomarem parte no atentado ao sr. Ferreira do Amaral e fazerem parte da «Legião Vermelha». A acusação, no que respeita ao atentado, foi julgada insubsistente, sendo os presos pronunciados como presumíveis componentes da «Legião Vermelha».

A todos os presos foi atribuída a fiança de 50 contos que não prestaram. Escusado será referir que houve ontem o mesmo aparato que nos demais dias, não faltando a proverbial delicadeza da guarda republicana para com as pessoas que procuravam inquirir o que havia.

«A Batalha» vende-se em todas as tabacarias

## A manifestação dos estudantes do Porto, supondo pugnar por uma era de liberdades, mais não fez do que incensar uma ditadura

A manifestação que ultimamente os estudantes portugueses efectuaram, poderia merecer-nos uma certa simpatia se não tivesse a torná-la pernicioso um vincado cunho de patriotismo fascista. Não quer isto dizer que na onda manifestativa não fossem muitos académicos de boa fé. Não quer isto significar que bastantes populares, deixando-se arrastar por uma burilada fraseologia especulativa, não secundassem o acto com boas intenções de sentimento humanitário.

Mas vistas as coisas pelo seu verdadeiro lado, observa-se por detrás de tudo isto um formidável dedão de gigante mussoliniano. Habilitaram-nos a pensar assim desta maneira, as próprias afirmações estouvadas de alguns oradores que, no seu esturrado patriotismo da última-hora, disseram ser preciso ir aos quartéis arrancar aqueles oficiais do exército que ainda possam existir honrados, para se iniciar uma revolução—que dignifique a pátria, que avolume um Portugal maior...

Qual revolução que torne capaz um Portugal maior? A da libertação de um povo escravizado? Mas isso seria o termo do poderio dos vilões, dos miseráveis, dos abutres, dos biltres, dos traidores que têm sanguesugado o corpo dos trabalhadores e vendido a sua camisa esburacada...

«Os vilões, os miseráveis, os abutres, os biltres, os traidores» que têm vilmente trucidado sobre a macerada carcaça do povo que trabalha, que constrói as grandes fortunas e as invejadas felicidades solarengas, tanto se encontram nas colónias como no próprio continente...

O povo tem agüentado toda a sorte de vexações, toda a espécie de tiranias, toda a maneira de vampiragem. Vergado ao peso das iniquidades económicas, sociais, chocado pelas duras correes das perseguições dos políticos, — o proletariado tem caminhado, exaurindo-se em sangue, pelos terríveis cardos da miséria. Quando tem ousado erguer a cerviz contra os tiranos e exploradores, defendendo, num uso legítimo de conservação do eu individual e colectivo, o seu direito à vida — o escravo, o ilota, o sudra, o servo da idade moderna, é arcabuzado pela fúria da soldadesca mercenária, é metralhado pelo vandalismo da guarda...

Assim é que os estudantes demonstram a sua isenção política, os seus verdadeiros intuitos de escorregar todos os vendilhões, não só da pátria, mas de toda a humanidade—demonstrando, portanto, que a sua inteligência, que os seus conhecimentos, que a sua cerebração ideal não despertaram para o fascismo—maior tirania ainda, —mas para a luta pela liberdade de todos terem o direito ao pão do alimento e da instrução.

Caso contrário—afirmam e confirmam as suas tendências políticas para o estabelecimento dum feroz ditadura mussoliniana, para uma selvática opressão de sangue e incêndios—contra a qual a opinião proletária, vilmente ludibriada, se terá de levantar profundamente indignada, em prol das suas derradeiras franquias postergadas...

C. V. S.

## O que nos disse um funcionário hospitalar sobre o provimento de vagas do pessoal dos hospitais feito por contrato

O decreto 11267 que extinguiu o ministério do Trabalho, no seu artigo 52, contém uma disposição que lesa profundamente o pessoal dos hospitais civis. E' ela do seguinte teor:

«Serão providos por contratos os lugares dos seguintes funcionários e empregados dos Hospitais Civis que de futuro vagarem: pessoal de economato, dos serviços industriais, dos serviços de fiscalização e polícia hospitalar, pessoal dos balneários, exceptuando os enfermeiros, pessoal de cozinha, pessoal auxiliar dos serviços farmacêuticos e dos serviços de enfermagem, podendo porém o economato passar à situação de funcionário vitalício decorrido pelo menos um ano de efectivo serviço, se, pelos seus bons serviços e provada competência, o director geral dos hospitais assim o julgar conveniente».

Pelo decorrer das sessões do congresso dos serviços de saúde verificámos que o aludido decreto provocara um grande descontentamento na numerosa classe, descontentamento de que já se observava um prenúncio de revolta.

Posto o nosso reporter em campo, no hospital de São José, por intermédio dum dos mais categorizados funcionários hospitalares, conseguimos apurar o que o leitor vai conhecer. Antes advertimos que, por o regulamento não permitir que funcionários hospitalares dêem entrevistas, se omite o nome do entrevistado. Eis as suas declarações: —O artigo 52 do decreto 11267 veio criar ao pessoal dos hospitais civis a pior das situações, o mais negro dos futuros.

«Quando uma classe, como a nossa, afirma num congresso a sua personalidade moral, só como provocação aceitaríamos o mostrongo, se não subissemos que ele foi publicado antes da nossa assembleia.

—Até onde nos prejudica o decreto? —De momento não posso marcar a sua delimitação. Mas isso pouco importa. O que interessa saber é que funcionários hospitalares com 20 e 30 anos de casa, com a saúde arruinada, sem outro meio de vida que não seja aquele adquirido num longo exercício, podem amanhã ser votados ao ostracismo, podem amanhã ser relegados como coisas finitas.

—Como assim? —Eu lhe explico. As vagas que o malfadado artigo 52 manda prover por contrato, eram até aqui providas por antiguidade ou por concurso. E' dizer: quando havia uma vaga ela era preenchida por direito de antiguidade, ou por concurso se o cargo obrigasse a um exame.

## Nem sequer há o direito de protestar contra os atropelos à lei?

Li num diário da manhã que a guarda do Congresso Nacional havia sido reforçada no dia da sua abertura. E li mais que tal medida fôra tomada apenas para evitar qualquer manifestação que as classes proletárias pretendessem fazer a favor dos deportados e dos presos que, por tanto tempo, estiveram sem culpa formada.

Custa a acreditar mas é verdade. Em pretensas deportações, que só se realizariam após os respectivos julgamentos, encontrou-se a base justificativa do assassinato de duas pessoas régias. Por causa de medidas, mais ou menos semelhantes, que lhes fôram atribuídas, diz-se terem sido mortos um presidente da República, o fundador da mesma e um bravo marinheiro que a ajudou a implantar.

Diz-se tudo isto e quem o diz é talvez precisamente quem agora bate palmas ao cerco do Congresso pela Guarda Republicana a fim de lhe evitar o contacto com a plebe... Não está certo. O sr. procedeu dentro da lei ou não. Se a lei foi cumprida mostrem-nos, quanto antes, que a Constituição não foi manifestamente violada chegando-se até a arrancar da cadeia presos com processos já pendentes em Juízo para, sem ordem dos respectivos magistrados, lhes darem destino diverso.

Provem que se formou a culpa dentro do praso legal e provém também que os presos agora pronunciados não voltaram para as esquadras quando deveriam estar, por cota do Juízo, encarcerados no Limoeiro.

Se se fez o contrário, como realmente se fez, houve infracção da Constituição e esta preceitua e exige até, em casos tais, o protesto mais veemente de qualquer simples cidadão. Para que fazer tomar, pois, as embocaduras das ruas, pela guarda republicana, buscando evitar uma manifestação ordeira e justa?

Uma das funções do Congresso é justamente atender as reclamações populares e se estas se desmandam, talvez então, mas só então, se justifique (?) a intervenção militar.

O que fizeram não se justifica. Antes parece um escárnio ou uma provocação mal avisada. Não se recordam os mandantes de hoje de que na monarquia e durante a fase mais acirrada de ataque ao trono se abriram de par em par as portas do parlamento para receber o colossal protesto anti-clerical? Não se lembram dessa formidável campanha na qual o dr. Miguel Bombarda pôs o melhor do seu talento?

Sejamos, portanto, muito claros e analisemos as coisas tais como elas são.

Ou vivemos ainda dentro dos processos monárquicos ou dentro dum democracia como querem fazer crer. Se devemos contar somente com os primeiros faça-se o que então se fez e abram-se as portas do Congresso à voz do povo trabalhador que apenas pede justiça. Se vivemos num regime democrático imite-se, ao menos, embora contra a vontade de muitos, o que era matéria simples e corrente nos tempos da monarquia...

Mário MONTEIRO  
Advogado

## AUXILIEMOS OS PRESOS!

Nos calabouços da polícia e na mortífera Guiná, desenas de camaradas nossos sofrem duplamente as agruras do cativo e da fome. Suas famílias, privadas dos braços que as mantinham, passam também vida de miséria.

A todos os operários conscientes, a todos os homens de carácter, comprem auxiliar hoje, com uma particular das suas fêrias, estas vítimas imoladas ao torvo ódio que é apátrio da sociedade em que vivemos.

Auxiliemo-los, pois!

## Mais um projecto...

Sob a presidência do vice-almirante sr. Bernardo da Costa, reuniu-se ontem a comissão de domínio público marítimo, que tratou da questão da construção de um porto de pesca em Pedrouços.

N. R. — Por informação que recebemos da Experiência, esse projecto irá dormir um sono no arquivo, para sair a executar ao mesmo tempo que for lançada a ponte sobre o Tejo.

## Pró-grevistas corticeiros

Camaradas: Ao receberdes hoje as vossas fêrias, que embora parcas irão assegurar o pão dos vossos lares, não esqueceis que existem 12.000 corticeiros em luta, cujos lares, bloqueados pela miséria, carecem da vossa solidariedade.

A nossa luta é a vossa luta! E' este o apelo que vos dirige a

FEDERAÇÃO CORTICEIRA

Todas as importâncias poderão ser entregues nas localidades onde haja corticeiros, nas sedes dos respectivos sindicatos, nas restantes localidades e Lisboa enviado à sede da C. G. T. onde funciona a comissão de auxílio aos grevistas.

## Os crimes dos «gaioleiros», o desleixo da Câmara Municipal, e o que entende útil o S. U. C. Civil para acautelar a vida da população

A desenfreada ambição e a falta de competência técnica e profissional dum enorme caterva de aventureiros sem escrúpulos aliadas à incompetente fiscalização da Câmara Municipal, tem causado, nos últimos anos, inúmeras derrocadas de prédios ainda em construção ou depois de destruídos. A continuar esta obra de destruição sem que, quem de direito, tome as necessárias e imediatas providências, dentro em breve poderão constatar-se tragédias como a da travessa do Tarajo e a de Campo de Ourique em que pereceram algumas dezenas de pessoas.

Inúmeras vezes o Sindicato da Construção Civil se tem ocupado deste grave e importantíssimo problema, reclamando da Câmara Municipal e dos governos medidas tendentes a garantir as vidas e os haveres da população e a dos operários que na construção civil exercem a sua actividade profissional. Todos estes esforços têm, até a data, resultado infrutíferos.

E' devido à impunidade que aos «gaioleiros» tem concedido as entidades acima citadas que já no início do inverno se registaram desastamentos, alguns dos quais, só por acaso, não tiveram consequências graves.

Entre os desmoronamentos que se deram na sexta-feira da semana transacta conta-se aquela gaiola das Linhas de Torres da qual é proprietário António Joaquim Arouca, um reles aprendiz de carpinteiro que nada percebendo da profissão se dedicou à construção de prédios.

Afirmava um jornal da noite que o desmoronamento fôra devido à incapacidade profissional dos operários que nele trabalhavam. Essa afirmação é destituída de fundamento: todos aqueles operários são profissionais competentes. E tanto assim é, que a pesar da areia que ali empregavam ser simplesmente terra extraída da quinta onde o referido prédio estava sendo construído, doada com uma insuficientíssima porção de cal de péssima qualidade, o prédio até à altura do primeiro pavimento estava bem construído, no que se refere à mão de obra.

Desse pavimento para cima nota-se a falta quasi completa de enclitagem para a indispensável travação das paredes, especialmente nos cubos, cuja enclitagem deve possuir, pelo menos, sessenta e setenta centímetros de comprimento e grossura igual à das paredes.

Além disso, as poucas pedras maiores que naquela construção se empregaram, do primeiro pavimento em diante, não lhes fizeram os necessários leitos para poderem possuir o indispensável apoio de resistência porque a tal se opôs sempre o ambicioso «gaioleiro». Isso deu como resultado que as pedras têm de ser acompanhadas com os chamados mindos, processo este de construção inexistente, porque as paredes são, desta forma, forçadas a darem de si, caindo todo o seu peso sobre os arcos dos vãos das portas e das janelas, quebrando as cantarias consequentemente sujeitas aos desmoronamentos às primeiras batagens de água. Daqui se conclue que não foi a incapacidade profissional dos operários que originou o desabamento daquela gaiola mas sim o emprego de materiais impróprios para a sua construção. Nisso não tinham os operários a menor responsabilidade, tanto mais que preveniram, repetidas vezes o «gaioleiro» do que iria acontecer.

Além disso, se os operários daquela obra não fossem bons profissionais, certamente, com tal material, não teriam conseguido construir o prédio até atingir o telhado.

E', porém, verdade que uma parte dos desastamentos que se têm registado se deve também à incapacidade profissional de muitos operários. Mas, a responsabilidade desse facto cabe ainda aos «gaioleiros» que, arrastados pela ambição dum fortuna em pouco tempo, em vez de empregarem nas suas obras verdadeiros profissionais da indústria se servem de operários estrangeiros à profissão mandados vir das suas terras só por saírem por salários mais baixos.

E' tudo isto se tem feito com manifesto prejuizo dos verdadeiros profissionais que

muitas vezes não têm onde empregar a sua actividade, enquanto os estranhos à profissão ocupam os seus lugares nas obras.

Convenem não esquecer que os «gaioleiros», quando mandam proceder à escavação de caboucos para a construção dum prédio, nunca deixam que profunde a terra até lhe encontrar o *fixe*, porque isso sae muito dispendioso. Limitam-se apenas a levarem os caboucos até à profundidade de dois ou três metros, e em cima da terra começam constituindo os alceires dum maneira verdadeiramente atabalhoada, sem a indispensável e competente travação e com argamassa insuficiente e de péssima qualidade. Eis porque se dão os desmoronamentos.

A resistência dum propriedade reside nos seus alceires e quando estes não assentam em terreno firme e neles se empregam péssimos materiais, evidentemente que ao corpo da propriedade falta-lhe a resistência, do apoio desabando tudo mal surge uma violenta chuva.

A Câmara Municipal é entidade mais responsável pelos desmoronamentos, pois que, se os quisesse evitar, teria já atendido às reclamações que, por mais de uma vez, lhe têm sido feitas pelo Sindicato da Construção Civil reclamações que já há muito deveriam ter sido postas em prática, e que consistem no seguinte:

A Câmara constituiria uma comissão de fiscalização composta por um representante do Corpo de Salvação Pública, dois engenheiros dos mais competentes, um mestre de obras e um operário delegado do Sindicato da Construção Civil, que procederia a uma minuciosa vistoria a todos os prédios construídos mais recentemente, mandando apurar os que não oferecessem condições de segurança.

Proibiria rigorosamente o emprego do taipal nas construções; fiscalizaria a dosagem das argamassas a empregar; aplicaria penalidades pesadas aos transgressores, indo até à interdição de construir; mandaria demolir qualquer parte do prédio que não obedecesse às indicações da fiscalização; forçaria os proprietários dos prédios em ruínas a realizar as indispensáveis obras para voltarem a ser habitados e em caso de recusa, depois de um praso estabelecido, a Câmara procederá à sua expropriação e reconstruiria por conta própria, ou conforme fosse mais conveniente com as suas responsabilidades.

Para que a fiscalização fosse mais eficaz, facultaria também essa missão a delegados nomeados pelo Sindicato da Construção Civil, embora esses delegados fossem submetidos a um exame de conhecimentos práticos.

A estes delegados seriam conferidos todos os poderes inerentes às funções a desempenhar no serviço de fiscalização. Estes delegados seriam considerados como adidos, sem qualquer espécie de remuneração, porquanto todo o tempo perdido no desempenho da sua missão lhes seria pago pelo seu Sindicato. Eis, pois, como este problema se resolvia sem termos que estar constantemente a assistir aos desmoronamentos das propriedades e aos estragos dos haveres e perda das vidas dos seus habitantes, ou ainda das dos operários quando os prédios se encontram em construção.

E não venha a Câmara, em notas officiais publicadas na imprensa, alegar a sua inocência dizendo não possuir meios legais que lhe permitam fazer cumprir as suas intimações, porque se de facto as não possui que as reclame do governo, tanto mais que se diz representante e defensora dos legítimos interesses dos municípios desta cidade. E oxalá o governo, de quem também inúmeras vezes se tem reclamado providências neste sentido e a própria Câmara Municipal não continue fazendo ouvidos de mercador, e tenham em mais atenção a vida e os haveres da população da cidade, acabando dum vez para sempre com os crimes dos ambiciosos «gaioleiros».

Alfredo LOPES  
Secretário geral do Sindicato da Construção Civil

## NOTAS & COMENTARIOS

### As alcunhas

A polícia adoptou o hábito de denegrir as pessoas que prende, adicionando-lhes aos nomes alcunhas a fim de dar a impressão ao público de que se trata de indivíduos cadastrados.

Como a polícia é muito estúpida e desprovida de imaginação aproveitou o último apelo dos presos e transforma-o em alcunha. Ainda ultimamente a um preso de apelido Macedo, designou por «Macedinho».

Adivinha-se logo que se trata dum alcunha inventada.

Escreve-nos Joaquim da Silva para protestar contra a alcunha de «Mirolho» com que foi mimosoado pela polícia no Diário de Notícias e a declarar que nunca foi conhecido senão pelos seus nomes e apelidos.

Era melhor que a polícia reparasse nos cadastrados que lá tem e que são conhecidos por alcunhas dum celebridade sinistra: o «Sebento», o «Varino», o «Vianinha» e o «Pala de bronze».

Já apareceu o cadáver...

O cadáver que o dr. Alfredo Guizado pediu como as crianças pedem Emulsão de Scott, apareceu finalmente. Forneceu-o o Instituto de Medicina Legal. Era o trabalhador Custódio dos Santos, que faleceu no hospital de São José, às 19 horas do dia 25 do passado mês. Era tal o anseio do dr. Guizado, tais eram as influências que se moviam em favor do solícito vereador, que o cadáver incinerado foi-o contra as disposições que regulam a cremação de cadáveres. O conservador ou oficial do registro Civil que, segundo o art. 265.º do Código do Registro Civil devia autorizar a incineração, não foi ouvido nem achado. A urna e as cinzas funerárias—art. 268.º—não podiam ser deslocadas sem autorização do

funcionário do Registro Civil. Esta formalidade guizou-a o sr. Guizado que mandou proceder à cremação do cadáver com os portões fechados e apenas com a assistência dum servente e do elemento oficial.

Porque procederia tão ilegalmente o dr. Guizado que se ufana de respeitador da lei? Porque houve a preocupação de fazer cremar o cadáver de Custódio dos Santos, ainda dentro do praso que a lei facultava para a família reclamar o cadáver dum parente?

### Os hospitais

Altamente preocupados com vários problemas de saúde de que temos feito larga menção, tivemos que interromper a nossa campanha em favor dos hospitais civis, deixando por publicar algumas referências ao Manicómio Bombarda. Neste interregno temos recebido inúmeras cartas, pedidos e solicitações para que prossequemos na nossa cruzada de tão grande interesse público.

A todos, incluindo aqueles que desejam ver analisada por nós a vida administrativa daqueles estabelecimentos, prevenimos que na próxima semana reatemos a nossa obra, que por ser interrompida não deixará de se referir a todos os casos, indistintamente a todos, de que tivermos conhecimento.

### EXPOSIÇÃO DE RELICARIOS

Hoje, às 14 horas, é inaugurada, na Sala Portugal, da Sociedade de Geografia, a exposição de dois relicários que o livro de ouro «Portugal Maior» (em preparação) oferece à colónia portuguesa no Brasil, como morando o primeiro aniversário do desparecimento do malogrado aviador Artur Sa cadura Cabral.

Agradecemos o convite que nos foi em direcionado.



ATRAVÉS DA AFRICA

Como se efectivou a pacificação da Guiné  
Analisam-se algumas causas que poderão influir no desenvolvimento da província

O advento da República marcou uma nova fase na vida da Guiné—fase que está muito longe dos objectivos de civilização e humanidade a que aspiramos, mas que representa, sobre muitos pontos de vista, uma considerável acção progressiva em relação ao passado, o que seria feia acção ocular.

De forma alguma, em todos os que pretendemos uma vida social mais justa, mais equitativa, poderemos aceitar, sem protestos, um sistema colonial como este porque se rege o mundo; mas tal aspiração de modo algum impede um jornalista de prosseguir na sua reportagem inquirindo das causas e efeitos, marcando imparcialmente os termos da evolução porque passou esta colónia, sem que dos seus comentários ou afirmações se deva concluir que transige ou colabora com fórmulas condenadas.

O advento do regime republicano—dizia eu—marca uma nova fase na vida da Guiné. Então, como ainda hoje, a província ostentava a sua rica superfície de 36.125 quilómetros quadrados, conforme o tratado com a França em 1886, ratificado em 1888. Dum sistema de ilhas mais ou menos afastadas cujos litorais formados por terras baixas e alagadiças são entrecortados de importantes rios e canais, este vasto território compreende Bolama, Bissau, Bafatá, Jatta, Pécise, Catió, e o arquipélago de Bijagó que se compõe das ilhas: Caracé, Caranella, Unhocomo, Uno, Uracane, Eguba, Orango, Camogo, Orangosinho, Menegué, Emupa, Onibone, Canhabaque, Biban, Galinhas e Bubaque, actual sede da circunscrição do arquipélago.

Todas estas regiões, tanto na parte continental que podem considerar-se Bissau a Bafatá, até às fronteiras francesas, como a restante parte insular, estão cobertas de imensas florestas onde vivem milhões de espécies botânicas, abundando o pólvora gigante, o pau sangue, o cibe, o mogno, a calabaceira, variadas espécies de borraça, a árvore donde se extrai o incenso, diversas palmeiras, enfim a mais numerosa prole dessa família africana de ervas, árvores e arbustos dos nomes mais complicados.

Toda a terra está coberta de verde brilhante, uma paisagem luxuriantíssima que mergulha as raízes no chão, de ramarias que não param de subir, nem cançam de sugar a humidade quente; e sucedem-se, nas intermináveis planícies, as paisagens de mil tons—aquí os renques de bambús altíssimos formando toldos fantásticos e baloiçantes; além as aquáticas plantações de dalas de arroz onde ondula um verde dourado e venenoso; acolá, junto às palhoças de taipa e andala seca, hortelões com banana, manga, limoeiros, e melancas; e por toda a parte, num largo redor, sobre maldas de lençóis capim, disputando a altura, cerradas filas de espigas palmeiras, ondilhando graciosamente leques de plumagem verde, esculpindo no ar quente o recorte impecável das suas palmas, assim como divisa heráldica de apurada geomologia timbrando no azul azulado.

Toda esta exuberância de vegetação brota espontaneamente do solo; exceptuando—naturalmente—as plantações de arroz, milho, mançara, e algumas árvores de fruto, na grande maioria tudo isto propriedade do indígena, que utiliza parte desta produção, vendendo a restante ao comerciante.

Enfim, como ainda hoje, o europeu pouco ou nada desenvolvia a agricultura, a não ser pelo relativo estímulo da compra; a maior parte dos terrenos cultiváveis da Guiné estavam por aproveitar; havia e há florestas enormes, desprovidas de nunca se gravaram pedras apresentava-se, sempre, tão problemática que ainda hoje, apesar de todos os impulsos e propagandas, da área de 144.775 hectares das concessões, não estão devidamente aproveitados 100 hectares, que nem chegam a interessar meia dúzia de empresas.

Imagine agora o leitor dentro desta área enorme, e com sistemas rotineiros, a moverem-se cerca de 800.000 indígenas—os fulas, mandingas, jalofo, lelupes, papéis, manjocos, bahunos ou brames, balantas, bafatas, carrangas, nalu, bijagó—doze raças que se sub-dividem em muitas mais, cada uma com a sua característica, com os seus usos e costumes absolutamente diversos, com interesses quase sempre antagónicos, embora a organização social, em estado selvagem, quasi primitivo, seja comum a todos, tendo na família, como base, a poliamia, e na religião o fetichismo—com excepção dos mandingas e alguns fulas, um pouco mais civilizados, que professam o culto maometano.

Todas estas raças, em geral belicosas, detestam-se entre si, num ódio acéso e secular, tendo sido nesse ódio que assentou, principalmente, o domínio português—o que não tem impedido que algumas se tenham revoltado com manifestações cruéis contra os portugueses.

Orientando a insignificante actividade da província, como que a enfrentar os desordenados embates daquela enorme massa negra, existiam apenas umas centenas de europeus e a colónia caboverdeana, no funcionalismo, no comércio, disseminados em pontos distantes, nomeadamente em Bolama, Bissau, Bafatá, Cacheu e Farim.

Para acabar de completar o seu juízo, suponha agora o leitor, toda esta vasta região sem estradas, a agricultura exclusivamente dependente do indígena, sem normalidade possível devido aos focos insurreccionais que explodiam constantemente; o comércio terrestre e marítimo consequentemente desorganizado; um estado sanitário terrível; Bissau, o melhor centro comercial, devido à riqueza do Geba e à posição marítima, entaipado dentro dos seus muros e sob a ameaça dos «papeis» audaciosos; e Bolama, a capital burocrática, insensível como um «fakir», já habituado a males de longa data e à imprevidência criminosa dos governos metropolitanos politiquês e incompetentes.

Tal é o miserável quadro que a Guiné apresenta até por 1919—com uma actividade prática que pode bem avaliar-se pelo seu exiguo orçamento de 33.345.987, cuja receita não dava ainda para a despesa, apresentando «deficite» de 99 contos; e pelo seu pequenissimo movimento comercial de 2.460 contos desequilibrado já com um saldo desfavorável de 58 contos!

Que importavam as apregoadas riquezas da Guiné, se quasi quinhentos anos de administração incompetente, de heroismo abstracto, de regabole polifóico, não tinham sabido fomentar nesse vasto território mais

Na Penitenciária de Lisboa estão-se passando graves irregularidades

Dum recibo da Penitenciária de Lisboa, que pede para ocultarmos o seu nome, recebemos a carta que a seguir reproduzimos:

«Sr. director:—Existe nesta Bastilha um dispêndio que bastante tem enriquecido à custa dos desgraçados reclusos. Mancomunado com os fornecedores, de quem recebe chorudas gratificações, manda meter nos caldeiros toda a poeira que os fornecedores para cá enviam.

Este dispêndio, um tal Silva, fez parte da «Trautlândia» no Porto e, segundo consta, desempenhou bem o seu cargo de «trautleiro».

No último dia feriado do rancho da tarde dos guardas contou de belo cosido à portuguesa, arroz corado e sopa bem temperada. O rancho geral constou de massa com feijão branco—um feijão que causa nojo—sem tempero algum e cheirando mal devido à sua má qualidade. Há ocasiões em que o rancho do meio-dia não se pode trazer, pois causa náuseas aos estômagos mais fortes. Quando o rancho é de carne ou bacalhau, tem-se a impressão de que tais coisas são fornecidas pelo Guano. Além disso, somos roubados descaradamente na raça.

O tal Silva tem como seu auxiliar um canalha da pior espécie, que dá pela alcunha de «Biscuit», o qual não tem escrúpulo algum em prejudicar os seus companheiros de infortunio. Este indivíduo, que é o penitenciário n.º 176, está encarregado de fazer as notas dos apanhos para a cozinha e além disso usa de vários processos juntamente com o «trautleiro» para que toda a porcaria enviada pelos fornecedores seja metida nos caldeiros dos desgraçados reclusos. O 176 faz isto porque está abonado no rancho dos guardas e também compartilha das boas postas de carne que os fornecedores todos os dias enviam para o Silva, assim como das várias gratificações. Se semelhante patife tivesse de comer o que os restantes presos comem, com certeza que se não prestaria a encobrir as poucas vergonhas do dispêndio. O 176 no dia 1.º de Dezembro, como de costume, pretendeu roubar cinco quilos de bacalhau. Porém, o guarda que estava de serviço à cozinha não permitiu que semelhante roubo se fizesse.

As proesas do 176 não ficam por aqui. Outro dia elas serão tornadas públicas.»

FESTAS ASSOCIATIVAS

Carpinteiros civis

A secção profissional dos carpinteiros civis resolveu realizar definitivamente no próximo dia 13 a festa que devia ter efectuado no passado dia 29.

O programa constará do seguinte:

A's 12 horas, sessão solene referente à fundação do sindicato, inauguração da nova bandeira e dos retratos de Gualdino Rosa e Francisco Rodrigues Aparício, já falecidos. A's 14 horas, palestra por Santos Arranha, subordinada ao tema: «O que é a Associação». A's 15 horas, «matinée» pelo Grupo Dramático Solidariedade Operária, representando-se o drama em 1 acto «O Triunfo» e a comédia «Um ano depois».

A festa é abalorada por duas bandas de música e seguida de quermesse.

OS QUE MORREM

João Vicente Leal

Efectua-se hoje, pelas 11 horas, o funeral do avô do nosso camarada Virgílio de Sousa, João Vicente Leal, saindo o préstito da sua residência, rua Leandro Braga, 11, 1.º, Dt.º, a Campolide, para o cemitério de Benfica.

Um número de revista de sensação  
António Bonzo e Zé Canhoto



«Croquis» flagrante dos artistas Alberto Ghira e José Silva, que hoje, sábado se exhibirão na revista RATAPLAN! cantando quadras políticas ao desafio na festa do actor Alberto Ghira, no «Teatro Maria Vitória».

TEATRO NACIONAL

Telefone Norte 3049

HOJE

Ainda mais uma recita

COM A GRACIOSA COMEDIA

AS DUAS METADES

BREVEMENTE  
1.ª representação nesta época da célebre peça

A SEVERA

AS DUAS METADES

CARTA DE COIMBRA

O conflito dos Bombeiros Municipais agrava-se

COIMBRA, 3.—Conforme noticiámos os Bombeiros Municipais tinham resolvido apresentar à sessão de hoje da Câmara Municipal uma sucinta exposição das suas reclamações pedindo o rápido andamento do inquérito que se está procedendo aos actos do chefe José Guerra.

Quando tudo esperava que a Câmara adotasse um critério tolerante e inteligente, onde afirmasse a sua boa vontade para uma honrosa solução do conflito, surge, pelo contrário, uma resolução que de sobre demonstra a tacañez de espírito de que são dotados os senhores vereadores.

A Câmara, em face da brisa e activa atitude dos bombeiros, resolve única e simplesmente expulsar da corporação aqueles seus componentes que assinaram a representação!

Já esta resolução foi tomada por unanimidade!

Gostaríamos de saber em que princípio se baseou a Câmara Municipal para tomar tão estúpida medida, pois nem sequer se pode basear em que esta fosse tomada para salvar qualquer princípio de disciplina, devido a que os bombeiros não se indisciplinaram, antes têm mantido uma linha de conduta que muito os dignifica.

E avaliamos bem a Câmara a gravidade do gesto que acaba de tomar?

E preciso que o público saiba que, com a expulsão dos 24 bombeiros que assinaram a representação, fica o Corpo de Bombeiros reduzido a três homens e desses só um estará apto a desempenhar serviços de responsabilidade, pois os dois restantes são homens de idade já avançada e pouco poderão fazer no caso dum incêndio.

Quanto à Câmara disposta a abandonar a cidade às contingências dum incêndio, que poderão trazer consequências bem trágicas para os seus habitantes?

Nos, os municípios, já estamos acostumados à Câmara votar um profundo desprezo pelos serviços de incêndio, que, de resto, era aos que ela deveria prestar as suas principais atenções.

Coimbra, a terceira cidade do país, tanto na sua importância comercial e industrial, como no número dos seus habitantes, tem um serviço de incêndios deficientíssimo, mal organizado e péssimamente orientado.

Toda a gente sabe que, quando há algum incêndio de vulto, essa falta se faz sentir dum maneira que não deixa dúvidas a ninguém de que a população tem as suas vidas e haveres entregues às contingências do acaso.

Ou estará a Câmara confiada nos serviços da Corporação dos Bombeiros Voluntários?

Mas é que esta corporação—embora valiosa—tem um reduzido número de homens, se atendermos às necessidades da cidade.

Fazemos estas considerações, que julgamos oportunas, para que a população avalie bem a gravidade desta questão, que com um pouco de inteligência poderia ser resolvida sem quebra de dignidade para ambas as partes.

É necessário que todos os municípios se apercebam da necessidade de o conflito ter uma solução rápida, salvaguardando sempre os desejos de justiça manifestados pelos humildes bombeiros.

Informamos-nos que os bombeiros expulsos vão publicar um manifesto à cidade e aos bombeiros de todo o país.

Do que for passado informaremos.—C.

DENTES ARTIFICIAIS

a 25\$00. Extracções sem dor a 15\$00. Concertam-se dentaduras em 4 horas a 20\$00. Dentaduras completas sem placa em «cauchú». Consultas das 11 da manhã às 8 da tarde.

MARIO MACHADO  
R. Garrett, 74, 1.º (Chiado)

Deportações

A polícia proíbe uma sessão no Alto do Pina e outra em Marvila

Contra o que estava anunciado não se realizou ontem no Alto Pina a sessão de protesto contra as deportações sem julgamento e prisão de operários sem culpa formada, em virtude da polícia tê-la proibido a pretexto de que não estava autorizada pelo governador civil.

No entanto foi aprovada uma moção que terminava por protestar contra tão iníqua situação e dar todo o apoio ao movimento tendente a conseguir o regresso dos deportados e liberdade dos presos sem culpa formada.

Também em Marvila a polícia não permitiu que se efectuasse a sessão do sindicato dos Tanoeiros, o que levantou vários protestos da assistência, sendo verberado energicamente o irritante proceder das autoridades.

A memória de Sacadura Cabral

O livro de ouro «Portugal Maior» teve a gentileza, que muito agradecemos, de nos oferecer um artístico retrato de Sacadura Cabral que encerra uma sentida legenda do seu companheiro do raid Lisboa-Brasil, almirante Gago Coutinho.

SOCIEDADES DE RECREIO

Sociedade Filarmónica Esperança e Harmonia.—Hoje último dia das festas organizadas pela direcção com um grandioso baile abalorada por um grupo musical sob a direcção de Cristóvão Gonçalves, havendo dois lindos prémios.

TIVOLI  
TEL. N. 5471  
A's 8 horas e 3/4

A Irmã Branca

Superfilm em 12 partes

Principal interprete LILLIAN GISH

Pamplinas nasceu no dia 13

Ciné farça com BUSTER KEATON

Uma revista cinematográfica

Amanhã—Matinée às 3 horas

O café do Ginásio

Inaugura-se hoje, pelas 16 horas, o café do teatro do Ginásio. A Empresa do novo teatro enviou-nos um cativante convite que agradecemos.

SOLIDARIEDADE

Pró sede sindical

Realiza-se na segunda-feira da semana próxima uma festa na sede do grupo dramático e desportivo «Os aliados», rua Barão de Sabrosa, cujo produto reverte para auxílio dos melhoramentos a fazer na sede das secções da construção civil e metalúrgica.

A comissão organizadora previne todos os camaradas e organismos a quem foram passados bilhetes para fazerem a sua liquidação até às 15 horas do próximo domingo, na sede da secção da construção civil, rua Barão de Sabrosa, 81, 1.º.

Os bilhetes com a data de 28 do mês transacto têm validade para esta festa.

Pro-Artur da Costa

É amanhã, pelas 15 horas, que se realiza no Salão Academia Almadaense a festa de homenagem a Artur da Costa (Vinetas) que devia ter lugar no dia 8 do mês passado. O programa consta de variações à guitarra por Lomelino Gil e viola António Bastilo, canções por António Nobre, António Lado, Júlio Prouença, Raúl Bríngela, José Leote, com versos jucosos, Adriano Reis, Rogério Silva, etc., etc.

TEATRO HOJE  
APOLO e todas as noites

O empolgante drama

O Papá Lebonnard

Magistral criação de

ALVES DA CUNHA

Nos principais papéis femininos

ADELINA ABRANCHES

e BERTA BIVAR

Pro-«Construtor»

Uma festa no Salão da Construção Civil

Realiza-se hoje, pelas 21 horas, uma festa promovida pela comissão administrativa do jornal O Construtor, em auxílio das despesas a fazer com a saída do mesmo, subindo à cena o drama em 3 actos «Má Sina», bem como a comédia em um acto «Tourada em família».

Abalorada a festa um distinto grupo de bandolinistas, que se prestaram a auxiliar esta iniciativa.

Teatro S. Carlos  
HOJE HOJE  
A's 9,15

O mais belo espectáculo

com o

PRINCEPE JOÃO

Brilhante encenação

Scenários da grande aparato

Admirável desempenho

Ocorrências diversas

A Sala de Observações do Banco do hospital de São José, recolheu José Augusto Nanim Pimentel, de 11 anos, filho de Joaquim Nanim Pimentel e de Ana Caça, estudante da Escola Preparatória Rodrigues Sampaio e residente na Avenida Emídio Navarro, em Cascais que, na calçada do Combro, foi atropelado por um automóvel ficando ferido no rosto e com uma costela do lado direito fracturada.

No Banco do hospital de São José, recebeu curativo e seguiu depois para casa João Flores, de 17 anos, natural de Lisboa, aluno n.º 66 da Escola de Reformatória «Padre António de Oliveira», em Casias, onde reside e que ali, na oficina de marcenaria, foi colhido pela engrenagem de uma máquina ficando com um dedo da mão esquerda esmagado.

Da enfermaria de São João Baptista, do hospital de Arroios foi ontem transferido para os quartos particulares do hospital de São José, o tenente aviador Carlos Assunção que, como noticiámos, foi vítima de um choque de automóveis na avenida da República.

No pósto da Cruz Vermelha do Calvário, recebeu curativo e recolheu a casa, Francisco Lopes Cerqueira, de 56 anos, natural de Castelo Branco, carroceiro, morador na estrada de Monsanto à Cruz de Oliveira (barracas) que na rua da Costa à Alcântara, caiu da carroça de que era condutor ficando contuso pelas costas e ferido no rosto.

—Vindo dos calabouços do Governo Civil, onde há dias se encontrava enfermo, recolheu ontem à enfermaria de São Sebastião, do hospital de São José, o recluso António Espadinha, de 45 anos.

—Da enfermaria n.º 9, do hospital de São José, saiu ontem com alta, recolhendo aos calabouços do Governo Civil, o preso Carlos Cruz, de 43 anos, electricista, natural de Valado dos Frades (Leiria), residente na rua da Rosa, 65, 2.º, que vindo daqueles calabouços, havia dado entrada no hospital em 13 de Outubro último.

AGREMIações VARIAS

Liga Propulsora da Instrução em Portugal.—Na última reunião da Direcção desta Liga foi resolvido iniciar desde já os trabalhos para a construção duma escola primária em Freixo de Numão.

Brevemente deverá vir a Lisboa o representante de uma importante instituição cultural estrangeira para estudar a possibilidade de essa instituição dar pensões de estudo, no estrangeiro, a portugueses que lhe forem recomendados pelo director pedagógico da Liga e seu presidente em Portugal, dr. António Sérgio.

Como se sabe a Liga Propulsora foi criada no Brasil, por um grupo de colonos portugueses, para dar incremento à instrução popular em Portugal.

IMPRENSA

«O Vigilante»

Recebemos o primeiro número do Vigilante, semanário independente que se publica no Barreiro. Apresenta um belo aspecto gráfico e destina-se a defender os interesses do povo daquela vila.

«Aurora»

«Aurora» é um mensário que se publica em Ceral do Alentejo e de que é proprietário a Federação Anarquista da Região do Sul. Tem um aspecto gráfico muito interessante e versa assuntos de doutrina anarquista.

O número 3 que um camarada nos mostrou, insere uma local em que nos são dirigidas referências pouco amáveis por não termos notificado o seu aparecimento.

Deveremos informar o colega que ainda não chegara à nossa redacção qualquer número que nos permitisse uma simples referência, embora «Aurora» tivesse assegurado os nossos votos de longa vida.

TEATRO HOJE  
GIMNASIO e todas as noites  
Telef. C. 2814

A GUERRA DO VINHO

Desempenho admirável

Nos principais papéis

BARBARA VOLCKART,

ELISA SANTOS, ANTONIA

MENDES, GIL FERREIRA

e HENRIQUE DE ALBUQUERQUE

Coliseu dos Recreios

Surpreendente espectáculo

— DA —

Grande Companhia de Circo

A melhor do mundo

HOJE-às 21 horas-HOJE

Os espantosos equilíbrios de

OTAGO BILL

O rei da temeridade

TIGRES REAIS

Os mais ferozes animais da criação

Domingo—MATINÉE SENSACIONAL

BILHETES À VENDA



Agenda de A BATALHA

CALENDÁRIO DE DEZEMBRO

|    |   |    |    |    |                     |
|----|---|----|----|----|---------------------|
| S. | 1 | 11 | 18 | 25 | HOJE O SOL          |
| S. | 2 | 12 | 19 | 26 | Aparece às 7,40     |
| D. | 3 | 13 | 20 | 27 | Desaparece às 17,15 |
| S. | 4 | 14 | 21 | 28 | FASES DA LUA        |
| T. | 5 | 15 | 22 | 29 | L. C. dia 30 às 2,1 |
| Q. | 6 | 16 | 23 | 30 | O. M. " 8 " 12,1    |
| Q. | 7 | 17 | 24 | 31 | L. N. " 15 " 10,5   |
| Q. | 8 | 18 | 25 | 31 | O. C. " 22 " 11,8   |

MARES DE HOJE  
Praia de São João, às 5,44 e às 6,03  
Baixamar às 11,14 e às 11,33

CAMBIO

| Países                | Compra | Venda |
|-----------------------|--------|-------|
| Sobre Londres, cheque |        | 95800 |
| Madrid cheque         |        | 2581  |
| Paris, cheque         |        | 576   |
| Suiza, cheque         |        | 3579  |
| Bruxelas cheque       |        | 589   |
| New-York, cheque      |        | 19560 |
| Amsterdão, cheque     |        | 7591  |
| Itália, cheque        |        | 579   |
| Brasil, cheque        |        | 2578  |
| Praga, cheque         |        | 559   |
| Suécia, cheque        |        | 5526  |
| Austria, cheque       |        | 2577  |
| Berlim, cheque        |        | 4568  |

ESPECTÁCULOS

Teatros  
Nacional - As 21 - As duas Metades.  
São Carlos - As 21 - O Príncipe João.  
Doliteima - As 21 - As raparigas de hoje.  
Trindade - As 21 - O Cão.  
Simão - As 21 - Guerra no vinho.  
Hípica - As 21 - Papá Leonor.  
São Luís - As 21 - Os Gaviões.  
Júlia - As 21 - O Pão de Lóu.  
Eden - As 21 - No país de tirismos.  
Miriá Vitoria - As 21 - O Rapto.  
Coliseu - As 21 - Companhia de circo.  
João de Almeida - Animatógrafo e variedades.  
Santo Toy - Animatógrafo e variedades.  
O Viciente (à Graça) - As 21 - Animatógrafo.  
Júlia - As 21 - Todas as noites. Concertos e di- versões.  
CINEMAS  
Tivoli - Olympia - Central - Condes - Chado Ter- rasse - Ideal - Arco Bandeira - Promotora - Esperança - Tortoise - Cine Paris.

Menstruação UTERIN do DR. R. WOLFF, de Berlim

É um medicamento sem rival, visto a sua infalibilidade na amenorria, isto é, na falta, supressão ou irregularidade da menstruação, bem como na Dismen- norria, menstruação difícil que sempre vem acompanhada de náuseas e de có- lica uterina tão fortes, que obrigam a recolher à cama durante 24 horas.  
O uso deste preparado sobreleva tudo quanto, até hoje, tem aparecido em vir- tude dos seus efeitos rápidos e certos.  
Os incômodos próprios da falta de menstruação, como: dor de cabeça, vertigens, zumbidos nos ouvidos, sonolência, dores nos rins, etc., desapare- cem passado pouco tempo com o uso deste maravilhoso remédio, de compo- sição inteiramente vegetal.  
Tomar na devida atenção o prospec- to que acompanha cada exemplar, no qual está indicada a forma de usar.  
Preço: Escudos 15000; pelo correio, escudos 16000.  
A venda no agente e depositário ge- ral para Portugal e Colónias - Fernan- do da Silva, 188, rua da Madalena, 190, e na Farmácia Portugal, rua Augusta, 218, e no Porto, Farmácia Central, de Salgado Lencart, rua de 31 de Janeiro, 203.

Suplemento semanal ilustrado de "A Batalha"

Encontra-se já à venda o primeiro ano deste interessante semanário, devidamente encadernado, numa ótima capa em perca- lina ilustrada a cores, por Alonzo, contem- do um indispensável índice dos variadíss- mos assuntos de ordem doutrinária, literá- ria e artística.  
O seu preço é 1 volume com 420 páginas, 45000.  
Encadernação (por capas e índice), 20500.  
Capas e índice em separado, 15500.  
Pedidos de coleções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha.

Agua!... água!...  
Depois, lamentando este vão apelo à piedade, ar- rançado pela tortura do corpo, exclama:  
— Deus me inspire!  
Porém o vestido de Joana incendeia-se torna-se uma das mil chamas dessa fogueira, donde se lança para o céu este grito levantado por uma voz de que o acento já não tem nada de humano:  
— Jesus!  
A virgem da Gália expiou a sua imortal glória! Malditos sejam todos os padres católicos! Abomina- ção sobre a Igreja católica, apostólica e romana!  
As chamas diminuem de intensidade, tornam-se mais fracas, e por fim extinguem-se... Um imenso bra- zeiro rodeia a base da coluna de alvenaria que tinha por centro a fogueira; ainda se via no cimo da pilastra, presos com ferros ao poste carbonizado, em posição vertical, uns restos denegridos... informes... sem nome... E' tudo o que resta da Donzela.  
Dois carrascos aplicam uma escada de mão à co- luma de pedra, sobem ao cimo quando mal tinha resfriado, derrubam a golpes de machado o barrote car- bonizado onde estão presos os membros daquela que foi Joana Darc, e, por meio duns ganchos de ferro de que estão munidos, atremessam com tudo aquilo do alto da plataforma ao meio do brazeiro; outros car- rascos cobrem esses restos com um novo montão de lenha. Grandes chamas saem desta nova fogueira; e quando estas se extinguiram... descobre-se uma aglo- meração de cinzas vermelhas, misturadas com ossos calcinados... entres outros um crânio... Tanto as cinzas como os ossos são postos pelos carrascos em uma caixa de madeira, a caixa é colocada numa pa- diola, e eles partem com ela, seguidos dum povo imenso dando gritos de alegria selvagem, e vão arre- messar ao Sena as cinzas do anjo salvador da França!  
Então o cardeal, os bispos, os capitães e os juizes eclesiásticos, retiram-se processionalmente, da mesma

Edições SPARTACUS

O Amor e a Vida (contos), por Campos Lima. Preço 5500.  
A Crise Económica, seus aspectos essen- ciais, pelo engenheiro João Perpétuo da Cruz. Preço 2550.  
Três aspectos da Revolução Russa, por Emile Vandervelde. Preço 5500.  
A Revolução em Portugal, comunista? socialista? libertária? sindicalista? — Coli- gação das esquerdas — A transformação da República, por Campos Lima. Preço 6500.  
O Primeiro Congresso Feminista e de Educação (ilustrado), por Arnaldo Brasil. Preço 10500.  
A Ceia dos Pobres (episódio dramático em verso), por Campos Lima. Preço 2500.  
Sondas de Lirismo e de Amor (novelas), por Ferreira de Castro. Preço 8500.  
Os Três Milagres do Convento (contos), por António Passos. Preço 5500.  
A História do Movimento Macnovista (Revolução dos camponeses na Rússia dos Soviéticos), por Archinoff. Preço 10500.  
A venda em todas as livrarias e na admi- nistração de A Batalha. — (Desconto aos revendedores).

Renovação  
Revista gráfica  
A 1 e 15 de cada mês  
Preço esc. 1,50

Um livro sensacional

Quereis saber o que é o bolchevismo russo como reacção contra o espírito revolucionário?  
Lêde o impressionante livro de Archinoff  
A HISTÓRIA DO MOVIMENTO MACNOVISTA  
em que se descreve com todo o rigor e exactidão a revolução dos camponeses esmagada pelo governo dos soviéticos.  
UM GROSSO VOLUME Esc. 10500  
A venda em todas as livrarias e na administração de A Batalha.  
Desconto aos revendedores.

LIMAS NACIONAIS  
Só a grande falta de propaganda tem dado lugar a que simas hoje se con- sumam em Portu- gal limas estran- geiras, visto que as limas marca "Touron" de Lima, produzidas em Portugal, rivalizam em preço e qualidade com as melhores limas do Mundo! Experimentem pois, as vossas limas que se encontram à venda em todas as boas estabe- lecimentos de ferragens e de metais.

A sair por estes dias a 8.ª SERIE DE OS MISTÉRIOS DO POVO  
Interessante romance histórico profun- damente ilustrado desde as primeiras idades do homem até à revolução Francesa.  
Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas 6500.  
A obra mais barata que no género se publica

Francês sem mestre por GONÇALVES PEREIRA  
1 volume de 400 páginas 15500  
Pelo correio 16550.  
Pedidos à administração de A Batalha

CONSELHO TECNICO DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam res- peito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpe- sas, construção de fornos em to- dos os géneros, jazigos em todos os géneros, fogões de sala, xa- drés, frentes para estabelecimen- tos e todos os trabalhos em cantarias e mármore de todas as proveni- ências.  
Telefone — 539 Trindade  
Escritório: Calçada do Combro, 38-A. 2.ª

Policlinica da Rua do Ouro  
Entrada: Rua do Carmo, 98  
Telefone N. 5353  
Medicina: coração e pulmões — Dr. Armando Narciso — A's 5 horas.  
Cirurgia, operações — Dr. Bernardo Vilar — 4 horas.  
Rins, vias urinárias — Dr. Miguel Magalhães — 10 horas.  
Fele e sífilis — Dr. Correia Figueiredo — 11 e 12 horas.  
Doenças nervosas, electroterapia — Dr. R. Loll — 2 horas.  
Doenças dos olhos — Dr. Mário de Matos — 4 horas.  
Garganta, nariz e ouvidos — Dr. Mário Oli- veira — 12 horas.  
Estômago e intestinos — Dr. Mendes Belo — 4 horas.  
Doenças das senhoras — Dr. Emilio Paiva — 2 horas.  
Doenças das crianças — Dr. Filipe Manso — 12 horas.  
Tratamento de diabetes — Dr. Ernesto Romão — 5 horas.  
Ecce e dentes — Dr. Armando Lima — 10 h.  
Cancro e rádio — Dr. Cabral de Melo — 4 horas.  
Rino X — Dr. José de Padua — 4 horas.  
Análises — Dr. Gabriela Beato — 4 horas.

Associação de Socorros Mútuos "Renascença Lusitana"  
MESA DA ASSEMBLEIA GERAL  
Convoca a assembleia geral extraordinária a reunir no dia 21 do corrente, pelas 20 horas, na sede, rua de São Bento, nº 17, a fim de se proceder à eleição dos corpos gerentes que devem funcionar em 1924; de um delegado ao Tribunal Arbitral de Previdência Social de Lisboa; à apresentação de contas do ano de 1923 e respectivo parecer do Conselho Fiscal e de propostas da Direcção.  
Não havendo número legal de sócios para a assem- bleia poder funcionar, fica desde já convocada para igual hora do dia 28 do corrente, com a mesma or- dem de trabalhos e no mesmo local.  
Lisboa, 4 de Dezembro de 1923. — O Presidente da Mesa, a) Norberto Gonçalves Torres Peres.

Valério, Lopes & Ferreira, L.  
FERRAGENS E FERRAMENTAS  
Metais, cutelarias, talheres, louça esmaltada, parafusos, fun- dos para cadeiras, — guarnições para móveis —  
Chapa ferro preta e zincada  
Chapa de zinco, latão e cobre, antimonio, balanças, pesos e medidas, cravo para ferrador, serras circulares e de fita, etc.  
R. DO AMPARO, 86 - LISBOA - TELEF. 3930, N. 9 gramas, 222 44 23

Livros em espanhol

A' venda na administração de A BATALHA  
Mi Comunismo, Sebastião Faure 10500  
La Revolucion Social em Fran- cia, Miguel Bakunine (2 volumes) 20500  
Cartas a uma mulher sobre la anarquia, Luiz Fabri. 2550  
La Ukrania revolucionária, Agustín Soucy. 1550  
Anarquismo y organización, Ro- dolfo Rocker. 1500  
Entre campesinos, E. Malatesta 1500  
En Ukrania, Rudenko. 1500  
Miguel Bakunine, J. Guillaume 1500  
Los anarquistas (Estudo e repli- ca) Lombroso y Mella. 5500  
Errico Malatesta, Max Nettlan. 6500  
Artistas y Rebeldes, R. Rocker 9500

ISQUEIROS

Pedras, Metal Auer, vendem-se no LATA, do Conde Barão. — Dúzia, \$40; 100, 2850 milheiro, 25500.  
Largo do Conde Barão, 55  
Grande desconto aos revendedores  
CALÇADO PARA  
HOMEM, SENHORA e CRIANÇA  
Grande variedade de modelos Sobre medida, executa-se com rapidez  
SAPATARIA MENDES  
RUA DO POÇO DOS NEGROS, 3 e 5 - LISBOA

HORARIO DE TRABALHO

As disposições legais  
A secção editorial de A Batalha acaba de editar, em folheto, o decreto 5.516, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no Diário do Governo de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu preço avulso de \$50.  
Aos sindicatos que desejem adquirir quantidade far-se-há um abatimento de 50 por cento em pacotes de 50 folhetos.  
Pedidos à administração de A BATALHA.

FABRICA de ladrilhos, mosaicos, azulejos, cimento  
GOARMON & C.  
Travessa do Corpo Santo, 17 a 19  
— TELEF. C. 1244 - LISBOA —

AGRADECIMENTO  
Júlia de Assunção Mendes  
Seu marido Alfredo de Oliveira Mendes, delegado da Associação de Classe dos Pes- cadores de Lisboa, filhas, mãe, tias, cunha- das, cunhados e sobrinhos agradecerem a to- das as pessoas que se dignaram acompa- nhá-la a sua última morada.  
Alfredo de Oliveira Mendes

Pregão de revolta

Carta-protesto, em verso, dirigida ao presidente do ministério contra as depor- tações.  
Preço 1500; pelo correio, 1520; regis- tado, 1550. Pedidos à administração de A Batalha.

Guerra Junqueiro  
A morte de D. João... 10500  
Musa em férias... 9500  
Os Simples... 7500  
A velhice do Padre Eterno (En- cadernação de luxo)... 14500  
Brochado... 10500  
Gorki  
Os Degenerados... 5500  
Os vagabundos... 5500  
Na Prisão... 2550  
Jaime Cortezá, — Adão e Eva (tea- tro)... 5500  
Jorge Teixeira, — Gatunos de Luva Branca — A Escamalha (peças de teatro)... 2550  
Julito Quintinha  
Visinhos do Mar... 8500  
Cavalgada do Sonho... 8500  
Terras de Fogo... 8500  
Maivert, — Ciência e Religião... 10500

Livraria de A BATALHA

| OBRAS DE LITERATURA, CIÊN- CIA E ENSINO  |       |  |
|--|-------|--|
| Abel Botelho — Amanhã...   | 16500 |  |
| Alexandre Herculano<br>Lendas e Narrativas (2 volumes)...                                    | 20500 |  |
| Cartas (2 volumes)...  | 20500 |  |
| Adolfo Lima<br>Contracto do Trabalho...  | 10500 |  |
| Educação e ensino...   | 5500  |  |
| Aquilino Ribeiro<br>Anatole France...  | 3500  |  |
| Estrada de São Tiago...  | 10500 |  |
| Jardim das Tormentas...  | 10500 |  |
| Via Sinuca...  | 10500 |  |
| As Filhas da Babilónia...  | 10500 |  |
| Augusto de Sousa — Fôlhas perdidas (Fados)...  | 10500 |  |
| Bento Faria — Missa nova (teatro em verso)...  | 1500  |  |
| Binet-Sanglé — A loucura de Jesus...   | 5500  |  |
| Charles Darwin — Origem das espe- cies...  | 14500 |  |
| Campos Lima<br>O Estado e a evolução do Direito<br>O Amor e a Vida...                        | 12500 |  |
| Ceia dos Pobres...   | 5500  |  |
| A Revolução em Portugal...   | 2500  |  |
| Buckner — O homem segundo a ciência...   | 12500 |  |
| Duarte Lopes<br>Frei Sangué...   | 5500  |  |
| Eça de Queiroz<br>O crime do Padre Amaro...  | 18500 |  |
| O primo Basílio...   | 10500 |  |
| O Mandarim...  | 8500  |  |
| Os Males (2 vol.)...   | 28500 |  |
| A Reliquia...  | 15500 |  |
| A Cidade e as Serras...  | 12500 |  |
| Fradique Mendes...   | 9500  |  |
| Casa Ramires...  | 15500 |  |
| Prosas Bárbaras...   | 9500  |  |
| Ecos de Paris...   | 9500  |  |
| Cartas Familiares...   | 9500  |  |
| Cartas de Inglaterra...  | 9500  |  |
| Minas de Salomão...  | 9500  |  |
| Notas Contemporâneas...  | 15500 |  |
| Ultimas páginas...   | 15500 |  |
| Ernesto Haackel<br>História da Criação...  | 20500 |  |
| Origem do Homem...   | 5500  |  |
| Os enigmas do Universo...  | 14500 |  |
| Monismo...   | 4500  |  |
| Religião e evolução...   | 4500  |  |
| Faguet<br>Iniciação filosófica...  | 5500  |  |
| Iniciação literária...   | 10500 |  |
| Faria de Vasconcelos<br>Problemas escolares...   | 5500  |  |
| Por terras de além mar...  | 5500  |  |
| Ferreira de Castro<br>Sangue Negro...  | 2550  |  |
| Sondas de Lirismo e de Amor...   | 8500  |  |
| F. Castro e E. Frias — A Bôca da Es- finge...  | 8500  |  |
| Flamarion<br>Iniciação astronómica...  | 6500  |  |
| Contos de luar...  | 5500  |  |
| Como acabará o mundo?  | 7500  |  |
| Os habitantes dos outros mundos  | 4500  |  |
| Felix le Dantec — As influências an- cestrals...   | 10500 |  |
| Ateísmo...   | 6500  |  |
| Fialho de Almeida<br>Lisboa Galante...   | 10500 |  |
| Estâncias de Arte e Saúde...   | 9500  |  |
| Figuras de destaque...   | 9500  |  |
| Actores e Autores...   | 9500  |  |
| Contos...  | 9500  |  |
| A Esquina...   | 9500  |  |
| Aves Migradoras...   | 9500  |  |
| Barbear, Pentear...  | 9500  |  |
| Cidade do Vício...   | 9500  |  |
| Pasquinadas...   | 10500 |  |
| País das Uvas...   | 9500  |  |
| Saibam quantos...  | 9500  |  |
| Vida errante...  | 9500  |  |
| Vida irónica...  | 9500  |  |
| Nicolai, Romain Rolland...   | 4500  |  |
| Soviet o Dictadura? Varin...   | 1550  |  |
| El Estado moderno, Kropotkin...  | 5500  |  |
| Dictadura y Revolucion, Luiz Fabri...  | 10500 |  |
| Bolshevismo y Anarquismo, Ro- dolfo Rocker...  | 1500  |  |
| Problemas universitários, Lelio O. Leno...   | 1500  |  |
| La Revolucion, José Torralvo...  | 1500  |  |
| Dios y el Estado, M. Bakunine...   | 3500  |  |
| Páginas seletas, Multatuli...  | 3500  |  |
| Ensayos y Conferencias, Pedro Gori...  | 3500  |  |
| Dos años en Russia, E. Goldman...  | 2500  |  |
| Quinet, Falaiz...  | 10500 |  |
| La pena de muerte, G. Alomar...  | 1500  |  |
| El Teatro del Pueblo, V. de Pedro...   | 1500  |  |
| El Teatro del Pueblo, por Valen- tin Pedro...  | 1500  |  |
| Accion Directa, por Angel Pestá- ña...   | 1500  |  |
| Nogueira de Brito<br>I — Memórias de Angela Pinto  | 15500 |  |
| Piasant, — Iniciação matemática...   | 5500  |  |
| Oliveira Martins<br>Helenismo e a Civilização Crisã...                                       | 15500 |  |
| História da Civilização Ibérica...   | 15500 |  |
| História da República Romana (2 volumes)...  | 30500 |  |
| História de Portugal (2 vol.)...   | 30500 |  |
| Rac e Humanas (2 vol.)...  | 30500 |  |
| O Brasil e as Colónias Portuguesas   | 15500 |  |
| Cartas Peninsulares...   | 15500 |  |
| Sistema dos meios e ficções religio- sas...  | 15500 |  |
| Orlando Marçal<br>Agus claras...   | 6500  |  |
| Imagens de Sômbio...   | 1500  |  |
| Spencer<br>Da Educação (broc. 5500) encad.   | 8550  |  |
| Raul Bândão<br>Os pescadores...  | 10500 |  |
| Os Pobres...   | 10500 |  |
| O Teatro...  | 8500  |  |
| Victor Hugo<br>França e Belgica...   | 20500 |  |
| O Reno (2 v.)...   | 12500 |  |
| Os Miseráveis (2 grossos vol) ilus- trados, encadernados...                                  | 40500 |  |
| Zola<br>A Taberna...   | 12500 |  |
| Tereza Raquir...   | 6500  |  |
| Alegria de viver (2 vol.)...   | 10500 |  |
| A conquista de Plassans, (2 vol.)  | 10500 |  |
| Fecundidade (2 volumes)...   | 20500 |  |
| A fortuna dos Rougons, (2 vol.)...   | 10500 |  |
| Uma página de amor...  | 9500  |  |
| Dr. Pascal...  | 10500 |  |
| Zargame — origem da vida...  | 7500  |  |
| PUBLICAÇÕES SOCIOLOGICAS<br>— Organização Social Sindicalista                                | 3500  |  |
| Antonelli, — A Russia bolchevista...   | 2500  |  |
| St. Albert, — O amor livre...  | 5500  |  |
| Dufour, — O sindicalismo e a proxi- ma revolução (2 volumes)...                              | 10500 |  |
| Emilio Bossi — Cristo nunca existiu...   | 6500  |  |
| Geo Williams, — Relatório dos dele- gados dos I. W. W. ao congresso da I. S. V. de Moscou... | 1500  |  |
| Gladiator, — A questão social do Bra- sil...   | 1550  |  |
| Gustavo Le Bon<br>As primeiras consequências da guerra...                                    | 8500  |  |
| Ensaios psicológicos da guerra europea...  | 8500  |  |
| Leis psicológicas da evolução dos Povos (enc.)...  | 6500  |  |
| Guyau, — Ensaio duma moral sem obrigação nem sanção...                                       | 5500  |  |
| Educação e Hereditariedade...  | 4500  |  |
| Hamon<br>A conferência da paz e a sua obra   | 5500  |  |
| As lições da guerra mundial...   | 8500  |  |
| O movimento operário da Gran- Bretanha...  | 5500  |  |
| Psicologia do socialista-anarquista  | 5500  |  |
| A crise do Socialismo...   | 550   |  |
| Henrique Leone — O Sindicalismo...   | 4500  |  |
| Heliodoro Salgado<br>O culto da Imaculada...   | 10500 |  |
| Jean Grave<br>A sociedade Futura...  | 5500  |  |
| Anarquia, fins e meios...  | 10500 |  |
| O indivíduo e a sociedade...   | 5500  |  |
| Joseph J. Ettor, — Unionismo indus- trial...   | 550   |  |
| Julio Guesde, — A lei dos salários...  | 550   |  |
| Justus Ebert, — Os I. W. W. na tea- ria e na prática...                                      | 3500  |  |
| Kropotkin<br>A mocidade...   | 550   |  |
| Anarquia, sua filosofia e seu ideal  | 1550  |  |
| A Grande Revolução (2 vol.)...   | 12500 |  |
| A moral anarquista...  | 550   |  |
| Os bastidores da Guerra...   | 1550  |  |
| O Estado e o seu papel histórico   | 1550  |  |
| Lazare, — A Liberdade...   | 550   |  |
| N. Lénine, — Os problemas do poder dos Soviets...  | 1550  |  |
| Landauer, — A Social Democracia na Alemanha...   | 550   |  |
| Manuel Ribeiro, — Na linha de fogo...  | 3500  |  |
| Marx, — O Capital...   | 4500  |  |
| Melchior Inchofer, — Monarquia jesu- itica...  | 3500  |  |
| Nietzsche<br>Anti-Cristo...  | 5500  |  |
| Genealogia da moral...   | 5500  |  |
| Neno Vasco, — Ao Trabalhador Rural — Geórgicas...  | 35    |  |
| Concepção Anarquista do Sindica- lismo...  | 3500  |  |
| A greve dos inquilinos...  | 1500  |  |
| Novicov, — A emancipação da mu- lher...  | 4500  |  |
| Pataut e Pouget, — Como faremos a revolução...   | 4500  |  |
| Perfeito de Carvalho, — Notas e co- mentários...   | 1550  |  |
| Sebastião Faure, — Doze provas da inexistência de Deus...                                    | 1550  |  |
| Tomás da Fonseca, — Sermões da Montanha...   | 12500 |  |
| Tolstoi — Sonata de Kreutzer...  | 5500  |  |
| Toulouse, — Como se deve educar o espirito...  | 4500  |  |

5-12-1923 OS MISTÉRIOS DO POVO N.º 593

forma que tinham vindo, da praça do Mercado, de Ruão... A justiça daqueles homens da corte, da guerra e da igreja está satisfeita.  
No fim do martirio de Joana Darc, eu Mahiet o Advogado de Armas, fui testemunha de um estranho facto. Meu neto viera jantar-se comigo, trazendo o cutelo do magarefe, sentamo-nos sobre um banco de pedra visinho da porta da nossa estalagem; estava perto de nós um frade, que, embrulhado no seu hábito, e capuz negro, assistira com indiferença ao suplicio da heroína, porém quando ela, torcendo-se no meio do fogo exclamou: água, água! O frade estre- meceu, levantou as mãos para o céu e exclamou: Graça, graça!... Emfim quando Joana, agonizante, devorada pelas chamas, pronunciou a invocação su- prema: Jesus!... ele exclamou: Estou condenado!...  
Depois caiu aos nossos pés, preso de medonhas convulsões; e ainda elas duravam quando a multidão deixou o lugar do suplicio, para seguir os carrascos encarregados de lançarem no Sena as cinzas de Joana Darc. Eu e meu neto comovidos de piedade por esse desgraçado, de quem os mais caridosos se atastavam, olhando-o como possessos do espirito maligno, trans- portamo-lo para o nosso quarto, em que lhe demos todos os cuidados; pouco a pouco tornou a si olhou- nos com ar espantado, repetindo:  
— Estou condenado!... sou o cúmplice e o ins- trumento do Bispo de Beauvais no assassinato ecle- siástico de Joana!...  
Sabeis quem era esse padre, filhos de Joel?... Era o cônego Loyseleur!  
Sim! ele, esse monstro de sotaina conheceu o arre- pendimento!... sim! estranha mudança, incrível, a qual não acreditaria se não fosse testemunha, esse miserável sentiu repentinamente o seu feroz endure- cimento mudar-se em remorsos desesperados à vista do martirio da sua vítima!  
Ainda não é tudo: quando este padre nos viu ma- nifestar o horror que nos inspiravam as suas declara-

ções, quando eu exclamei: Malditos sejam os socorros que te dei, assassino! — perguntou-me com voz pal- pitante de angústia se eu lastimava Joana Darc; as minhas lágrimas lho provavam em demasia. Informando-se então de mim, perguntou-me quem eu era, e sabendo que a minha admiração apaixonada pela virgem das Gálias e o desejo de me instruir da sua sorte, em nome da sua angustiada família, me haviam trazido a Ruão, o cônego Loyseleur pareceu impres- sionado por uma ideia súbita, e suplicou-me que o es- perasse aquela mesma noite na minha estalagem.  
— Jámais poderei reparar, e expiar meu crime, me disse ele; mas fornecer-vos-hei os meios de aviltardes os algozes da vítima.  
Nessa mesma noite trouxe-me um maço de perga- minhos contendo:  
— A confissão geral de Joana Darc, escrita por ele no mesmo dia em que a tinha ouvido, e onde aquela grande alma se lhe tinha patenteado na sua heroica simplicidade.  
«Várias notas que ele tinha tomada e guardado em seguida à sua conversação com o emissário de Jorge La Trémouille, e onde se achava desmascarada a trama urdida contra Joana pela gente da corte, pela gente de guerra e pela gente da igreja, antes da primeira entrevista da heroína e de Carlos VII.  
— A cópia duma crónica contemporânea intitula- da: Diário do cerco de Orleans, e uma outra es- crita por Perceval Cagny, escudeiro do Duque de Alençon, que não havia abandonado Joana desde o cerco de Orleans até ao cerco de Paris.  
Estas cópias manuscritas faziam parte dos docu- mentos reunidos pelo bispo Pedro Cauchon para a instrução do processo.  
— Uma das minutas deste processo, onde se acha- vam relatadas as actas das audiências, o interrogatório e as respostas da acusada.  
— Enfim, uma narração completa e por escrito das maquinações empregadas por Loyseleur, de acôrdo com o bispo Cauchon, para captar a confiança

de Joana na sua prisão, assim como o plano combi- nado entre eles numa longa conversação que tiveram antes do começo do processo.  
Estes materiais eram-me fornecidos pelo cônego na esperança de me servirem um dia para reabilitar a memória de Joana Darc; enquanto a ele, sentia que morreria proximamente, perseguido por espantosos remorsos, ou então que perderia o uso da razão. Já pela manhã ele não tinha tido coragem para se suste- entre os juizes de Joana Darc, com medo de ser por ela reconhecido no momento supremo do suplicio; mas o espectáculo da sua agonia e do seu martirio tendo-o aterrado, conheceu enfim o arrependimento e o desespero.  
Este sacerdote, depois de me ter entregue os ma- nuscritos, afastou-se com ar sinistro, e alucinado; nunca mais sube o que foi feito dele.  
No dia seguinte parti de Ruão em companhia de meu neto, e, de volta a Vaucouleurs, tratei de escre- ver para a nossa descendência, esta legenda de Joana Darc; o que eu sabia da sua infância, graças a Diniz Laxart, e os pergaminhos do cônego Loyseleur per- mitiram-me que tornasse esta narração duma veraci- dade completa.  
Juntei a esta crónica o cutelo do magarefe, ele aumentará o número das reliquias da nossa família. Amaldiçoados sejam os padres!  
Até hoje, aqui, neste país da Lorena, berço da virgem



## A luta dos corticeiros contra a baixa de salários

## Comunicados da greve

Os grevistas corticeiros, segundo comunicados que recebemos de São Tiago do Cacem, Alhos Vedros, Amora, Seixal, Poço do Bispo, Setúbal, Castelo Branco, Oeiras, Mira, Barreiro, Messines, Silves e Sines, mantêm inalterável o seu espírito de resistência na luta que tão nobremente mantêm há quase seis semanas, não se furtando a todos os sacrifícios para triunfar da criminosa arremetida dos industriais contra os seus salários que auferiam.

Em Aldega, onde a greve se mantém brilhantemente, organizou-se uma comissão de operários chacinheiros, também em greve, e de trabalhadores rurais, a fim de promover no próximo domingo um comício de solidariedade para os corticeiros em greve.

## NOTA DO COMITÉ

**Camaradas:**—Vamos entrar na sexta semana de luta, sem que a fé de venceremos a criminosa renitência dos nossos industriais tenha quebrado. Mais do que nunca é preciso intensificarmos a nossa luta, mormente quando o custo da vida continua a subir de forma assustadora e o inverno se prepara para nos torturar com as suas inclemências.

Todos os trabalhadores, nossos irmãos de labuta, se aprestam para nos prestar solidariedade. Saibamos ser dignos dela e honremos as nossas tradições de classe que nunca se deixou espelhar.

Que as fábricas continuem abandonadas enquanto aqueles que têm engordado com a nossa miséria persistirem em nos condenar à fome e aos nossos filhos.

As cinco semanas de luta são o passado. Lutemos, pelo futuro que outro não pode nem deve ser do que a vitória que bem merecemos.

Viva a greve!

## O Comité.

## Federação Corticeira Nacional

Reúne amanhã o Conselho Federal, pelas 12 horas prefixas, para assunto importantíssimo.

A comparência de todos os delegados directos e indirectos é indispensável.

## Um apelo da Federação Nacional da Construção Civil aos Sindicatos da sua Indústria

**Operários da Construção Civil de todo o país:** Vós que em todos os tempos tendes sabido prestar incondicionalmente a vossa solidariedade a qualquer classe que dela necessite, deveis encetar a luta tática que os nossos camaradas da indústria corticeira vêm mantendo contra a imposição infame duma redução de salário, no momento precisamente em que todos os géneros essenciais à vida estão aumentando extraordinariamente de custo.

12.000 operários em greve; outras tantas famílias sofrendo as consequências da infame ambição dos industriais.

A luta para onde foram lançados os operários corticeiros deve ser encareada como sendo nossa também e por esse facto ela deve sair vitoriosa custe o que custar.

Por intermédio dos nossos Sindicatos devemos prestar-lhes toda a nossa solidariedade moral e monetária, abrindo imediatamente quotas em todas as obras, fábricas e oficinas.

Que nenhum operário da C. Civil, que se encontre trabalhando, deixe de secundar o apelo da sua Federação.

## A Comissão Administrativa

## Um apelo do S. U. do Mobiliário de Lisboa

Este sindicato exorta todos os operários do mobiliário a abrirem hoje quotas nas oficinas em auxílio dos grevistas corticeiros, prestando-lhes assim a solidariedade a que a sua heroicidade tem jus.

## Uma exortação da Secção Metalúrgica de Belém

A Secção Metalúrgica de Belém apela para os seus filiados no sentido de que hoje não esqueçam a solidariedade a prestar aos grevistas corticeiros.

## Um comício em Almada

O comício efectuou-se no amplo salão da "Incrível Almadaense" que se encontrava literalmente cheio de trabalhadores de todas as classes, tendo o comércio encerrado as suas portas.

Às 19 horas, o camarada Matias Rocha, delegado da Federação Corticeira, abriu o comício e em breves palavras, história as causas da greve e da justiça que assiste à classe corticeira ao defender-se da baixa de salários que o patronato injustificadamente quer impor.

João Guerreiro, membro da comissão organizadora do comício, descreve a crise que o operariado corticeiro atravessou em todo o período da guerra que a reduziu à extrema miséria. E só depois da guerra foi possível encontrar mais algum trabalho; porém, aos industriais sempre animou a ideia de reduzir os operários, por meio da fome, à mais extrema docilidade.

Os corticeiros, após algum tempo dum labor mais que regular, eram novamente atirados para uma situação bem mais difícil: a crise de trabalho que antes da greve se vinha sofrendo, e a baixa nos salários que, sem nenhuma razão, os industriais querem impor.

Silva Campos, delegado da C. G. T., saudou os grevistas em nome do proletariado confederado, afirmando que tudo será tentado para que a solidariedade seja prestada aos corticeiros em greve.

Reporta-se à acção dissolvente que o industrialismo tem exercido, quanto ao desenvolvimento da indústria, ludibriando o mercado estrangeiro com a qualidade das cortiças.

São, pois, eles que com o seu egoísmo torvo têm arruinado cada vez mais a indústria corticeira. Não contentes com as falcatruas ruinosas para a prosperidade da indústria a que não falta a matéria prima, os industriais sem compunctação para o desenvolvimento industrial, lançam-se sobre os operários a quem querem arrancar a pele. O movimento dos operários corticeiros é quanto há de mais justo; portanto eles devem mantê-lo a todo o custo.

Augusto Soares, metalúrgico, saudou a classe em greve, que diz ser portadora de belas tradições que já mais deverão ser ofuscadas, e apresenta a seguinte moção:

«Considerando que a luta dos corticeiros contra a redução dos salários, se arrasta há 5 longas semanas, sem que os industriais se disponham a dar ouvidos à razão que assiste aos grevistas;

considerando que o agravamento das condições económicas não só não permite a aceitação pelos trabalhadores de qualquer redução de proventos como os coloca na expectativa de terem que empreender novas lutas de aumento de salário com que possam satisfazer a usura dos que negociam os géneros essenciais à vida;

considerando que a luta dos corticeiros assumiu já o aspecto duma grande batalha em defesa das regalias que usufruem todos os trabalhadores;

considerando que os grevistas, pela sua abnegação e disposição de vencer, bem merecem da solidariedade de todos os seus irmãos de sofrimento;

O povo de Almada, reunido em comício público, a 3 de Dezembro de 1925, resolve:

1.º Afirmar-se na disposição de contribuir de todas as maneiras, moral, material e monetariamente para que os grevistas corticeiros saiam vitoriosos e possam garantir o pão aos seus lares.

2.º Lavar o seu mais veemente protesto contra a atitude dos industriais corticeiros e responsabilizá-los por tudo o que possa resultar da duração deste movimento que está sacrificando impiedosamente muitos milhares de criaturas.

3.º Incitar todos os trabalhadores desta área a prestar aos corticeiros a mais ampla solidariedade.

O presidente, não havendo mais oradores, exorta, mais uma vez, os grevistas a defenderem o seu pão e dos seus. Põe a moção à votação, sendo aprovada por aclamação com um caloroso viva à greve. Encerrou-se a sessão com vivas à C. G. T., à Batalha, etc.

## Um comício em Belem

Como ontem dissemos, estava convocado um comício dos trabalhadores da área de Belém. Este comício efectuou-se no salão da construção civil, à rua Paulo da Gama.

Presidiu Ramos Seta, secretariando António José Setúbal e Justino Camacho.

Usa da palavra José Serra, delegado da Federação Corticeira, em primeiro lugar. História as «démarches» feitas pela respectiva comissão federal, junto dos industriais. Os industriais baseiam-se—diz—nas condições especiais em que se encontra a indústria para procurarem manter o seu ruim propósito. Eles dizem, entretanto, que sabem qual a situação crítica em que a classe vive.

Ora, eles conhecem as ultra-precárias condições económicas dos operários, e então como é que se concebe que mantenham o desejo de esmagar mais a classe?

Semelhança a atitude é a que há de mais criminoso, pois conhecendo, como ninguém, a miséria de milhares de operários, a sua obra é uma consciente obra de assassinato colectivo.

Sebastião Marques, da Câmara Sindical do Trabalho, vem em nome deste organismo apresentar à classe corticeira os protestos de solidariedade daquele organismo. Na verdade não se compreende como é que estando vários géneros a subir de preço precisamente no momento que passa, haja industriais que pretendam reduzir os salários. E' que se trata dum conluio entre o patronato contra o proletariado. E, por isso, considera que esta luta não é apenas dos corticeiros: é de toda a classe trabalhadora.

A C. S. T. manterá, pois, a sua solidariedade à classe corticeira. Apela para o operariado de todas as classes para que saiba cumprir o seu dever de solidariedade para com uma classe, que, através de todos os tempos, sempre soube cumprir o seu.

M. J. de Sousa, pela C. G. T. diz que este organismo já dirigiu um apelo aos organismos sindicais para que as restantes classes trabalhadoras prestem a sua solidariedade à classe corticeira como às demais classes que estão em igualdade de circunstâncias. Faz um prolongado estudo às condições económicas gerais do proletariado e à posição do capitalismo, cujo único fim é de pauperizar fisicamente os trabalhadores para com mais facilidade os sujeitar a todas as suas ambições. O proletariado está em face dum dos maiores ataques do capitalismo, e, embora com sacrifício, terá que responder-lhe condignamente e por uma forma que o convença de que não pode mais tripudiar impunemente. É uma obra colectiva, de todos os trabalhadores e todos têm que dar a máxima demonstração de solidariedade.

José Amores, corticeiro, deseja já poder transmitir toda a revolta que lhe vai na alma. Os industriais corticeiros desejariam neste momento matar pela fome a classe corticeira. Recorda que durante os quatro anos da guerra a classe corticeira foi das que mais sofreu. Que sucedeu depois da guerra? Isto que se está a ver! Fizeram fortunas fabulosas e nem nessa ocasião nem agora os industriais querem reconhecer a justiça que assiste à classe. Consentiu a classe numa baixa e os industriais não satisfizeram a sua voracidade. Poderá a classe consentir em mais este crime? Não. A classe, que tem sofrido já muito, saberá sofrer mais o que for necessário para sair vitoriosa da luta.

Jacinto Rufino, engenheiro-maquinhista marítimo a-pesar-de, por motivos profissionais, ter estado fora do país e por isso não estar inteiramente ao corrente do que se passa, lê sabe agora quão gigantesca é a luta dos camaradas corticeiros, neste momento em que o patronato pretende reduzir o proletariado à fome. É necessário existir vontade e energia para vencer, embora que com risco da vida pela falta do alimento necessário. É e isso o que nota nesta gloriosa classe. Está na frente o espectro da fome? Mas quando esta aperta as famílias dos grevistas, ninguém tem o direito de ficar quando ante os lugares onde se encontram os alimentos e os vestuários necessários.

Não acredita nos prejuízos dos industriais. Ainda não se viu que alguns deles estendessem a mão à caridade. E os corticeiros, como todos os camaradas, desde que lhes falte o salário, logo sentem essa falta. A lei da oferta e da procura é a válvula de segurança do capitalismo, e quando tem que ser aplicada por ele aos trabalhadores brinca com eles, como estão procedendo agora os industriais da corticeira. Tem palavras de dor e de revolta contra a tortura infligida aos deportados, que é uma das obras do capitalismo para aniquilar os trabalhadores conscientes. Termina por fazer votos por que os grevistas se mantenham

firme e porque os trabalhadores das demais classes saibam cumprir o seu dever de solidariedade.

Foi depois aprovada a seguinte moção: «Considerando que os operários corticeiros da área de Belém com a restante classe, se encontram em greve há já cinco semanas;

que o objectivo que pretendem, é sómente obstar a que lhes reduzam os seus mínguados salários;

que os operários desta indústria com o salário que auferiam, não conseguiram acorrer às despesas com calçado e vestuário, como se prova com os trajes andrajosos que na sua maioria apresentam;

que os principais géneros de alimentação não têm diminuído de preço, como é do conhecimento de todos, antes este tem subido;

Os operários corticeiros de Belém, reunidos em sessão magna, na sede da sua Secção, resolvem:

1.º Repudiá a plataforma apresentada pelos industriais.

2.º Continuar em greve até que estes resolvam fazer justiça.

3.º Só retomarem o trabalho quando o organismo federal assim o entender.—António José Setúbal.

## Mobiliários da casa Manuel Figueira

Conforme ficou estabelecido entre a comissão de resistência e o pessoal desta casa este dirigiu-se ontem ao seu industrial reclamando o salário mínimo estabelecido pelo Sindicato. Promptamente anuiu o sr. Figueira à reclamação ficando o pessoal a auferir os 22\$00.

O salário antigo era de 21\$00.

## O imperialismo inglês vai reacender a guerra na Irlanda

Agrava-se novamente a questão irlandesa. Demitiu-se a comissão de delimitação das fronteiras do Ulster, onde a Inglaterra domina quase completamente, com o Estado Livre da Irlanda, sempre irrequieto nas suas reivindicações de independência política e social.

O tratado de 1921, que pretende reconhecer a independência do estado irlandês, não é mais do que uma imposição brutal da Inglaterra aos anseios liberais do pequeno povo, seu vizinho e temível inimigo. Para os interesses do imperialismo inglês tornou-se vital que a Irlanda seja apenas uma colónia, com administração autónoma, mas sujeita incondicionalmente ao gabinete de Londres. O tratado de 1921 não contém doutrina que resolva em última instância o grave problema irlandês. Apenas divide o país entre o Estado de Irlanda e o Estado do Ulster, porém, não explica a diferença que possa existir entre os dois estados convencionais.

O aspecto religioso domina também na questão irlandesa. O Ulster é protestante, enfeudado à Inglaterra e por ela colonizado. Está situado ao NE da Irlanda, de onde os habitantes emigram em massa para o Sul ou para Oeste, por não quererem submeter-se à religião oficial. Por sua vez a Irlanda do Sul é católica, profundamente nacionalista e de um irredentismo que nunca poderá conciliar-se.

O tratado da «independência» imposto pela Inglaterra não distinguia sequer as fronteiras dos dois estados. Limitou-se a nomear uma comissão delimitatória, formada com um delegado do Estado de Irlanda, outro do Ulster e ainda um outro do governo inglês.

Desta forma, os imperialistas ingleses procuraram assegurar-se de uma maioria sua, visto que o Ulster depende económica e politicamente da Grã-Bretanha.

Durante quatro anos a comissão delimitatória trabalhou sem obter resultados. Finalmente, chegou a formular-se uma convenção, mas, no próprio momento da assinatura, o representante inglês, sr. Mac Neil pediu a demissão. Este súbito gesto causou o maior assombro, propagando-se logo as mais incoerentes hipóteses. Na Irlanda do Sul—o estado livre—era a efervescência aumentou, assumindo um aspecto de acuidade.

A opinião pública irlandesa sobressaltou-se com os boatos persistentes de um ataque do governo inglês à independência nacional. Os membros do governo irlandês recusaram-se a sancionar as propostas do sr. Mac Neil para a firma do acordo definitivo e foi esta atitude que provocou a demissão do representante britânico.

Desconhece-se ainda as verdadeiras razões do sr. Mac Neil para se demitir, mas elas devem filiar-se na efervescência popular que forçou o governo de Irlanda a recusar o acordo.

Quer seja no Norte, quer seja no Sul, o sentimento de independência nos irlandeses é profundo e intransigente. Eles preferem a guerra aberta a uma simples concessão de território ou a uma insignificante concessão diplomática. Nada—senão a independência sem restrições. Esta energia indomável virá ferir violentamente os interesses do imperialismo britânico, e por isso é que a Grã-Bretanha não se mostra disposta a acender o brandão da paz.

De novo se vai desencadear a guerra entre o Ulster e a Irlanda do Sul, que o mesmo é que dizer que o imperialismo vai subjugar um povo que quer ser livre.

## A Sociedade das Nações e o conflito graco-búlgaro

GENEVA, 4.—O relatório da comissão de inquérito ao incidente da fronteira graco-búlgara, nomeada pelo conselho executivo da Sociedade das Nações, constata a violação grega do pacto da mesma sociedade pela invasão injustificada do território búlgaro.

O relatório considera o governo grego como responsável pelos prejuízos causados e propõe a condenação da Grécia no pagamento duma indemnização à Bulgária de 30 milhões de «levas».

O conselho executivo da Sociedade das Nações reúne-se na próxima segunda-feira para apreciar o relatório.

## Lêdo o Suplemento de A BATALHA

## MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

## O operariado inglês contra a visita do chefe da quadrilha fascista

Informa o *Daily Herald* que lavra grande descontentamento entre os membros das «trade-unions» por causa da notícia da próxima visita do traidor Mussolini à Inglaterra.

Têm sido aprovadas várias moções, declarando que o chefe do bando dos «camisas negras» não é digno de visitar a Inglaterra, e que deve ser boicotado pelo partido trabalhista e chefes das «trade-unions» e cooperativas.

Sobretudo o assassinato de Matteotti e a atitude que as autoridades italianas tomaram para com os seus infames e cobardes assassinos, tem enchido de nojo e de ódio o povo inglês de todos os partidos para com a quadrilha que actualmente tripudia à vontade sobre o escravizado povo italiano.

## A luta contra a redução de salários na América do Norte

No «paraíso» dos trabalhadores também anda empenhada na criminosa tarefa de reduzir os salários aos seus empregados toda a quadrilha que dentro da lei vive do roubo do trabalho alheio.

No entanto, os trabalhadores em muitas localidades têm abandonado o trabalho em sinal de protesto contra mais este abuso do insaciável capitalismo.

Assim em Passaic, Nova Jersey, estão em greve 308 operários das fábricas de tecidos de lá ameaçados pelos patrões com uma redução de 10 % nos salários.

Em North Bergen, Nova Jersey, também estão em greve 250 operários contra uma pretendida redução de salários de 20 a 25 %.

Em outra cidade com a intimidação de cada operário passar a trabalhar com três ou quatro teares, em vez de dois, como até agora.

## O congresso dos trabalhadores da raça negra

Terminou em Chicago o congresso dos trabalhadores da raça negra, tendo sido aprovada a criação dum organismo permanente com sede nesta cidade.

Esta organização procurará agrupar todos os operários e camponeses negros para a luta contra as distinções de raças e contra a exploração capitalista.

Foi criado um conselho de 25 membros, composto na sua maioria por operários, tendo este eleito 9 dos seus membros para directores.

O jornal *Negro Champion* ficará sendo o órgão oficial do novo organismo.

Um dos planos também a realizar é o da criação de conselhos locais e de comités «inter-raciais».

## Ultras à estátua da Liberdade

Os insultos dos lacaios da plutocracia norte-americana à estátua da Liberdade, que se encontra no porto de Nova York, sucedem-se continuamente.

Assim, em Nova York, foi condenado a 10 dias de prisão o ex-soldado João Granetzer por não ter tirado o chapéu à bandeira americana numa parada militar realizada naquela cidade.

Foram presas duas mulheres por tomarem parte numa manifestação de grevistas em frente da Companhia Internacional Tailoring, também daquela cidade.

Em Jacksonville foram tiradas da prisão duas irmãs, que foram detidas sob a acusação de perturbadoras da ordem, sendo depois maltratadas e desconsideradas por uma centena de homens.

Num segundo assalto à sede dos operários do vestuário em Chicago foram presos 10 homens sob a acusação de desordeiros.

Em Nova Jersey foram presos dois italianos simplesmente por terem assistido a uma sessão anti-fascista.

Em Nova York também foram feridos dois homens por ocasião da manifestação feita por milhares de italianos anti-fascistas aos delegados fascistas à Conferência Inter-Parlamentar.

## Na penitenciária de San Quentin

Acham-se nas celas de castigo desta penitenciária os camaradas José Varela e H. W. Melman que foram castigados barbaramente por não terem sido capazes de executar uma tarefa superior às suas forças.

Os outros presos políticos solidarizaram-se com eles, declarando a greve.

## A rainha da Holanda também entra na tenebrosa conspiração da redução de salários

A rainha Guilhermina da Holanda, uma das mais ricas da Europa, também está agora fazendo economia à custa dos seus servos. Os salários actualmente pagos são bastante modestos, mas a-pesar-disso já foram avisados todos os empregados directos da rainha e os dos domínios reais, que a partir do 1.º de Janeiro serão reduzidos os seus salários de 10 %.

Esta resolução é digna de considerar-se, atendendo a que em 1923 o ordenado da rainha passou de 50.000 libras para 100.000 recebendo ainda mais 8.400 libras por ano para manter os palácios em boas condições.

Além desta importância é preciso ter em conta que só em 1923 os domínios da coroa receberam 70.000 libras, sem contar com os rendimentos particulares que tem.

## Secção Telegráfica

## Federações

## MOBILIARIA

**Sindicato de Faro.**—Esperamos informes conforme o combinado com o nosso delegado que aí esteve.

**Cesteiros de Gonçalo.**—Segue officio.

**Airado da Silva.**—Colmbar.—Aguardamos informes sobre o Núcleo Sindical Mobiliário.

**VINICOLA**

**Secção Federal do Norte.**—Fomos à C. G. T. mostrar o officio; não tinham nomeado delegado mas sim a U. S. O. Seguem officios para o sindicato e U. S. O. com instruções.

## CRISE DE TRABALHO

## Na indústria litográfica está-se desenvolvendo com muita intensidade

De há um tempo a esta parte que a classe dos litógrafos e anexos se vem sentindo uma grande crise de trabalho, crise motivada pela ganância do industrialismo e ao mesmo tempo, por pactos que ultimamente se tem feito no sentido de reduzir os salários aos operários. Nunca com tanto fervor a crise se tem sentido como nestas últimas semanas.

E assim constata-se que casas havia que até aqui tinham trabalho e de um momento para o outro reduzem os seus operários a 3 dias por semana. Mas donde parte isto tudo sabe muito bem o sindicato dos litógrafos, que conhece de sobrejo todas as manobras do *alma danada*. . . disto tudo. E de facto isto é assim. Todas as suas combinações têm dado os resultados que o mesmo *alma danada* deseja que é reduzir os salários. Todavia constata-se que de todos os *trucs* que estes senhores tem levado à prática eles não têm dado os resultados que talvez queriam, por que a isso se tem oposto a classe litográfica, respondendo a todas as suas pretensões com uma negação formal, e estando ao mesmo tempo disposta a agir conforme as circunstâncias a aconselharem.

O sindicato dos litógrafos põe todos os operários de atalaia para que saiba corresponder conforme a tática dos industriais; porque tem este organismo conhecimento que o *alma danada* vai mudar de tática visto que não deu os resultados desejados a primeira. E assim já observamos que no passado sábado fechou uma casa, das mais importantes em litografia, e que os seus proprietários, que são os mesmos, apesar de mudarem de rótulo—querem reabrir a com a redução de salários e com um quadro mais restrito do que o primitivo. Assim o sindicato dos litógrafos aconselha os operários que nessa casa trabalhavam, para que não aceitem tal pretensão, visto que é mais uma manobra do *alma danada* que toda a classe conhece.

Brevemente vai-se realizar uma grande sessão do proletariado litográfico onde serão postas à prova todas estas traficâncias do industrialismo.

Os operários litógrafos devem estar a postos para responder condignamente.

## Bolsa de Trabalho e Solidariedade da Construção Civil

Para efeito de colocação são convidados os operários serventes e pedreiros que se encontram inscritos na lista dos operários sem trabalho a comparecerem hoje às 10,30 da manhã, na sede deste Sindicato, Calçada do Combro, 38-A, 2.º.

## Uma importante sessão no S. U. da Construção Civil de Lisboa

Realizou-se anteontem uma sessão magna do operariado da construção civil para tratar da crise de trabalho e baixa de salários. Por Alexandre de Assis foram expostas as *démarches* realizadas para atenuar a crise e comunicado que algumas obras do Estado encerraram depois de reabrir, ao passo que se conseguiu que reabrissem as obras da Maternidade ainda que com reduzido número de operários, devendo recomençar na próxima semana as obras das encomendas postas, para o que foi evidente a boa vontade do ministro do Trabalho. Depois de Alberto Dias se ter referido ao assunto, escalpizando as manobras dos industriais, a assembleia aprovou a seguinte moção:

1.º Que de harmonia com as deliberações tomadas pela Conferência Nacional da Construção Civil, realizada em Santarém nos dias 22 e 23 de Setembro do corrente ano, se reclame da Câmara Municipal que, quanto antes, mande vistoriar os prédios que se encontram em ruínas, cheios de imundície, etc., e intimar os seus proprietários a proceder às devidas reconstruções, beneficiação e limpeza, em conformidade com os decretos de 24 de Dezembro de 1901 e 14 de Fevereiro de 1903, sobre salubridade pública, higiene urbana e as próprias posturas municipais.

2.º Que se reclame do Governador Civil o integral cumprimento dos regulamentos que reforçam os supracitados decretos, tais como os de beneficiação e saúde, de delegados e sub-delegados de saúde, sanidade e edificações urbanas, visto que aquela entidade é pelos referidos regulamentos obrigada a mandar proceder às reparações e limpezas exteriores e interiores, inclusive demolições de propriedades que julga condenadas ou que representam perigo para a saúde e segurança dos seus habitantes.

3.º Que se volte a reclamar do Governo a abolição do imposto de registo na primeira venda das propriedades durante seis anos, a reabertura imediata das obras que nesta cidade se mantêm encerradas, bem como para que force os proprietários das construções paralisadas a recomençá-las no prazo máximo de 30 dias.

4.º Que em caso contrário, o Governo facilite essa missão aos fornecedores de materiais, os quais, depois de as terem concluído e recebido todos os seus créditos se comprometem segundo suas resoluções a entregar aos seus antigos proprietários os aludidos prédios.

5.º Exigir do Governo mais atenção pela miserável situação do operariado da indústria.

6.º Que no caso de as nossas reclamações não serem atendidas em curto espaço de tempo, ao Sindicato fique desde já a incumbência de promover um comício público, a fim de se resolver definitivamente o caminho a seguir.

Sobre a baixa de salários também foi aprovada uma moção com as seguintes conclusões:

1.º Opor uma tenaz resistência à ofensiva patronal, não consentindo, custe o que custar, que os actuais salários sofram redução.

2.º Que ao Sindicato fique a incumbência de estudar a maneira mais viável de se estabelecer um salário mínimo para o operariado da indústria.

3.º Que o referido salário seja reclamado das entidades patronais de harmonia com o custo da vida.

## Um fracasso dos drusos

BEYROUT, 4.—Os rebeldes drusos tentaram impedir a junção das colunas francesas perto de Nebbaya, tendo sido repellidos com importantes perdas.

## Vida Sindical

## C. G. T.

## Comité Confederal

Reúne hoje, às 21 horas, com a presença do director de *A Batalha* e o secretário do Conselho Jurídico.

## CONVOCAÇÕES

## REUNEM-SE HOJE:

**Manufaturas de calçado.**—A assembleia geral às 21 horas, para apreciar a situação geral do movimento contra a baixa de salários e importação de calçado estrangeiro que está infestando os principais centros, com manifesto prejuízo da classe.

**S. U. Metalúrgico.**—Secção do *Povo do Bispo*.—Pelas 20,30 horas a comissão administrativa a fim de fechar contas com os cobradores, referentes ao mês de Novembro.

**S. U. Mobiliário.**—Convindam-se a comparecer hoje das 17,30 horas em diante os delegados das casas Batalha e J. P. Ramos para assunto urgente.

**Liga dos Oficiais da Marinha Mercante Portuguesa.**—A assembleia geral, para eleição dos novos corpos gerentes, pelas 20 horas.

**Operários municipais.**—A comissão de inquérito, às 20 horas.

## DIAS PRÓXIMOS:

**Federação Ferroviária.**—Reúne amanhã, pelas 14 horas, a Comissão Executiva deste organismo, para tratar dum assunto importante e de inadiável resolução.